

É Possível Falar em Igreja Sobrevivente ou Igreja Missional: Reações ao Ensaio de Steve Cochrane

Gleyds Silva Domingues¹

Email: professora.gleyds@fabapar.com.br

Abstrato

Este artigo é escrito em resposta ao ensaio de Steve Cochrane nesta mesma edição do *Glocal Conversations*. O ensaio da Cochrane considera o impacto do Covid-19 sobre o avanço da Grande Comissão. Nesta resposta do Brasil, o autor argumenta que a pandemia provocou uma importante avaliação da postura da Igreja em relação ao mundo: a Igreja estará comprometida apenas em sobreviver ou perseguirá intencionalmente sua missão? Este artigo também tem uma versão em inglês nesta mesma edição.

Nesta breve incursão reflexiva do ensaio de Cochrane (2021) sobre a participação da Igreja² na “Grande Comissão” e no contexto da pandemia que afeta desde o ano de 2020 a humanidade, a finalidade pretendida não está em contrapor os argumentos ressaltados no texto, antes a intenção é a de posicionar-se como interlocutora das provocações levantadas.

Cabe dizer, que as provocações não partem de críticas infundadas efetivadas pelo ensaísta sobre o fenômeno “pandemia”, isso porque elas guardam correspondência - ao que se vive aqui e agora- com outros momentos históricos que envolveram problemas reais; e que de uma maneira similar foram constatados o agir compassivo da Igreja no seu enfrentamento, uma vez que o fenômeno “pandemia” não apenas atingiu a trajetória da humanidade situada em diferentes épocas, tempos e lugares, mas a própria existência humana e, por extensão, toda a criação.

Não há como negar que o fenômeno “pandemia” produzido pelo Sars-Cov-2, trouxe repercussões em nível global, por isso ele não pode ser avaliado isoladamente, contudo, é preciso ressaltar que o modo de enfrentamento não foi único e nem fruto de acordos unânimes entre os países, mas de distanciamentos relacionados às medidas sanitárias, emergenciais e públicas adotadas, mesmo no limite de seus territórios, a exemplo do Brasil, consoante aos entes federativos. As medidas divergentes versaram sobre questões básicas quanto às políticas de prevenção, tratamento, investimento e aplicação de recursos físicos, econômicos, materiais e humanos.

Não se quer aqui adentrar na análise político-partidária e, tampouco, ideológica instalada no território brasileiro, nem mesmo na proliferação de *fake news* sobre o processo e estado pandêmico. Além de polarizações que afetaram diretamente as instituições sociais, sobretudo, os posicionamentos de comunidades eclesiais. Cabe refletir, nesse turbilhão de desencontros, desentendimentos, insegurança, medo e desesperança, sobre o direito de liberdade religiosa e a resposta da igreja frente à sua razão de ser, envolvendo chamado e missão.

¹ Pós-Doutora em Educação e Religião. Doutora em Teologia. Mestre em Educação. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná e do Programa de Mestrado em Ministérios da Carolina University. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico. Pesquisadora do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Laboratório Currículo e Formação de Professores - LAPPUC. Orcid [0000-0002-4254-321X](https://orcid.org/0000-0002-4254-321X)

² A palavra Igreja é empregada no sentido de comunidade universal que tem um chamado e uma missão, por ser participante do movimento de Deus na história em relação ao plano projetado para a humanidade.

Cumpra observar que os decretos emanados pelos governos estaduais e municipais brasileiros a respeito do fechamento dos templos, inclusive para transmissão online de atos litúrgicos e o controle sobre o limite percentual de participantes nos cultos públicos, de acordo com a capacidade do templo, não podem ser considerados elementos impeditivos à missão da Igreja e nem do exercício de seu direito fundamental à liberdade religiosa, uma vez que ela vem construindo alternativas na adoção de novas estratégias, desde o uso de redes sociais e Internet até a produção de material apostilado, ou seja, possibilidades para dar continuidade ao ensino e à comunicação do evangelho. A Igreja não se acovardou diante do fenômeno “pandemia”, isso precisa ser ressaltado.

Esta possibilidade vislumbrada na realidade sobre o papel exercido pela Igreja vem ao encontro do processo argumentativo de Cochrane (2021), ao fazer uso de duas palavras apontadas como essenciais à prática missional e eclesial: adaptação e estratégia; contudo, é preciso salientar que elas só começam a ser pensadas com mais intensidade frente a uma situação inusitada, depressiva, intempestiva, incontrolável, dolorosa e decorrente da ação humana, que tenta por diferentes vias, manipular a vida como se estivesse a “brincar” de Deus. E nessa distorção de ação, a Igreja posiciona-se e enfrenta a situação de caos instalado e que afeta em escala geométrica o padrão da criação, instituído desde o início pelo Criador. Sua mensagem vem na contramão da sociedade e redes midiáticas, impulsionada por esperança, resiliência, sustentabilidade, preservação e conforto.

Um parêntese precisa ser feito sobre o fenômeno da pandemia, é de que ele não escapa ao controle e governo de Deus. Afinal, tudo está sujeito a sua vontade, o que não quer dizer que Deus o tenha provocado, mas, sim, que tenha permitido. Isso faz parte de sua soberania e autoridade sobre toda a criação. Compreender isso é fundamental no processo de conhecer quem Deus é, e na maneira como ele atua na realidade. “O Deus vivo é uma pessoa. Ele é um Deus santo, um juiz. Portanto, ele deve ser temido, respeitado, venerado e obedecido” (MANGALWADI, 2012, p. 123), pois isso faz parte do ato de glorificação, da qual a Igreja é parte.

Na tentativa de problematizar a missão da Igreja, Cochrane apresenta como fio condutor de seus argumentos quatro perguntas que conduziram a reflexão de Martin Luther King em um contexto de luta, entraves e desafios, sendo elas o ponto alto da sua construção discursiva. As perguntas incidem sobre o contexto vivido, a perspectiva futura, a constituição da identidade e a forma como ela é afirmada na realidade e nas relações humanas. Com certeza, são reflexões que demandam estudo aprofundado e posicionamento.

De fato, as perguntas de Luther King ganham significação não apenas diante da análise sobre a pandemia Sars-Cov-2, mas do próprio sentido de missão e propósito de vida, devido à amplitude e repercussão que dizem respeito à razão de ser da Igreja como sal e luz do mundo. Em outras palavras, cabe a Igreja dar evidências sobre seu chamado e convocação, independentemente das circunstâncias envolvidas. Nesse sentido, é que se dialoga com Cochrane, a fim de contribuir com a discussão ora por ele iniciada. Para tal, elege-se uma direção discursiva pautada na seguinte questão: é possível falar em igreja sobrevivente ou igreja missional?

As reflexões são aplicadas aqui para organizar possíveis respostas ao problema evidenciado na seguinte questão: “Como a paisagem do mundo está sendo afetada pela pandemia e o que isso significa para o cumprimento da “Grande Comissão”? A tentativa de diálogo terá como palco o cenário brasileiro, e parte de percepções sobre a realidade vivida, por isso, o ponto de partida eleito é a compreensão sobre o seu contexto.

Onde estamos?

No contexto da pandemia no Brasil muito do que se observou foram ações desarticuladas e mal planejadas, visto que estavam fundamentadas no imediatismo em responder à demanda advinda da realidade, elas não corresponderam pela falta de conhecimento sobre o “inimigo”, vindo a ser acrescidas da desarticulação entre os entes federados e pelo processo de judicialização da política.

Como antes anunciado, não se tem a pretensão de fazer um panorama completo do contexto brasileiro, mas de apresentar a diversidade existente; e como o fenômeno da pandemia vem acentuando os posicionamentos divergentes que já estavam presentes, mas não tão evidenciados. É preciso dizer, que já se tem consciência de que os posicionamentos caminham para uma divisão extremada, o que pressupõe que a missão da Igreja terá que lidar com este cenário desenhado sem abandonar sua missão, visto que “a fé bíblica ou a justiça exige que ela (**igreja**) assuma uma postura pública sobre determinadas questões, então ela precisa obedecer à Palavra de Deus e confiar a ele as consequências” (STOTT, 2019, p. 45), (adição nossa).

Então, a pergunta “onde estamos” refere-se ao contexto em que se vive, ou seja, ao habitat, provido de características geopolíticas e que evidenciam a presença de práticas de administração e governo humanos, mediante atos de poder instituído. Isso demonstra que, no Brasil, o governo se molda pelo viés democrático e que tem por fundamento o respeito pelas diferenças culturais, sociais, econômicas, políticas, físicas e religiosas, visto que defende a visão do bem comum, pelo menos esta é a expectativa produzida.

A Igreja brasileira não tem como abster-se do seu contexto, antes, ela o influencia pela mensagem comunicada. Por isso que o seu compromisso e chamado é o de ser sal e luz em meio à escuridão e falta de conhecimento sobre a verdade do evangelho. Afinal, “a verdade liberta. Ela capacita as pessoas, dando-lhes as razões válidas para viver e agir de formas que são verdadeiras, boas e belas” (MANGALWADI, 2012, p. 116). A partir disso, os posicionamentos não devem ser ancorados em ideologias e nem na perspectiva de um “salvador humano”, mas na própria revelação de Deus.

A atuação da Igreja brasileira precisa ser a conciliação em Cristo, ao mesmo tempo em que expõe as injustiças e maldades presentes na realidade social. Afinal, ela não pode separar “amor e justiça; pois o que o amor deseja, a justiça exige” (STOTT, 2019, p. 32). Nesse sentido, a Igreja proclama a mensagem que traz vida, libertação e transformação de mente e coração. Se ela perder isso de vista, sua finalidade e missão se tornam esvaziadas de sentido profético.

Uma Igreja sobrevivente compreende o milagre da vida, mas não se compromete como testemunha viva e nem presta adoração. Ela está no mundo, mas não é parte integrante dele. Ela conta as bênçãos, mas não promove a transformação por intermédio da verdade revelada. Ela traz os princípios, mas nas os vive na prática. Diferentemente, da Igreja missional que não apenas atende ao chamado, mas vive com integridade de mente e coração. Ela compreende que o mundo é o espaço de testemunho vivo, por esse motivo a Igreja está atenta em cumprir seu propósito em “viver e amar, testemunhar e servir, sofrer e morrer por Cristo” (STOTT, 2019, p. 47).

Ao passar pelo fenômeno da “pandemia” o que se consolidará, a perspectiva de uma Igreja sobrevivente ou missional? O que será alterado quanto ao seu envolvimento e comprometimento com a expansão do Reino? E que direcionamentos poderão ser contemplados em atendimento à “Grande Comissão”? São perguntas que geram expectativas de um futuro tão próximo e que será decisivo para a participação da Igreja no movimento e na ação de Deus na história.

O que se espera?

A visão da pergunta é prospectiva, o que evidencia a presença da esperança, porém, ela não vem do ser humano, mas do verbo encarnado, Jesus Cristo. Não há outro meio para atingi-la, por isso, anunciar a mensagem é um ato de proclamar “Maranata”, ora vem Senhor Jesus.

A Igreja brasileira precisa estar conectada na esperança, ser o canal que flui o amor de Deus, por esse motivo se faz necessário retomar o caminho da verdade revelada; e a Igreja precisa ser aquela que impulsionará este processo, o que requer decisão, arrependimento, comprometimento e resposta ao chamado mediados pelo senso de missão.

A Igreja brasileira não pode permanecer passiva ao mal instaurado, firmado na percepção de sobrevivência, por isso, o que se espera é o exercício de sua voz profética, o que remete a pensar o valor do seu testemunho em meio a dor, desesperança e práticas de injustiça. Isso revela que o fazer da Igreja requer tanto a prática do evangelismo quanto o seu envolvimento na esfera político social, visto que isso também é parte da sua tarefa cristã (STOTT, 2019, p. 31).

A Igreja brasileira precisa reafirmar a sua identidade missional e para isso, sua prática visa revelar uma mente cristã fortalecida pelo testemunho público de sua fé em Cristo. Ela, ainda, solidifica as bases da sua cosmovisão por meio do ensino e dos relacionamentos estabelecidos, o que indica o seu desejo de glorificar a Deus sobre tudo e todos. Por este motivo, a Igreja demonstra em suas ações seu compromisso com o anúncio da mensagem do evangelho, permanecendo atenta as possibilidades que possam ser produzidas no contexto social para que tal propósito seja alcançado.

Uma Igreja missional é impulsionada pela compaixão, pela justiça e pelo amor. Reconhece que sua razão de ser está em adorar e servir a Deus, sendo-lhe obediente, por isso vive para cumprir os seus propósitos. Então, sobre a pergunta: Como a paisagem do mundo está sendo afetada pela pandemia e o que isso significa para o cumprimento da “Grande Comissão”?, é possível dizer que a pandemia não pode ser a mola propulsora para a missão da Igreja, mas, sim, uma nova oportunidade de alcançar vidas com a mensagem da esperança, Cristo Jesus. Afinal, a sua missão não depende de eventos presentes na realidade, ela tem origem e propósitos divinos, e é isso que motiva sua ação no mundo.

O fenômeno da “pandemia” possibilitou à Igreja a produção de estratégias as quais precisam ser consolidadas, aprimoradas, adaptadas e estendidas, de maneira geográfica, social, local ou comunitária. O certo é que não se está diante de uma Igreja sobrevivente, porque assim não se falaria de Igreja, mas de um agrupamento social em busca de seus próprios interesses, por isso, este agrupamento não se constitui como a Igreja que foi chamada ao exercício da Grande Comissão.

Referências

COCHRANE, Steve. ‘We prepared for the wrong pathogen’: Questions for Strategic Adaptation in Mission in a Post-Covid 19 World. *Glocal Conversations: A Journal of the University of the Nations*, 9 (2) 2021.

MANGALWADI, Vishal. **Verdade e Transformação**: um manifesto para curar as nações. Curitiba: Publicações Transforma, 2012.

STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.